

Dr. David deSilva , Apócrifos, Aula 7, Um olhar mais atento: 4 Macabeus, Oração de Manassés, Salmo 151, Oração de Azarias e o Filho de Três Jovens

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 7, Um olhar mais atento: 4 Macabeus, Oração de Manassés, Salmo 151, Oração de Azarias e o Cântico dos Três Jovens.

A última grande obra dos Apócrifos a considerar é o livro conhecido como 4 Macabeus.

Agora, 4 Macabeus não é um título tão ruim para este livro quanto 3 Macabeus foi para o último porque pelo menos o autor toma como ponto focal a história da perseguição dos mártires, conhecida a partir de 2 Macabeus 6 e 7, e isso se torna o foco narrativo do que ele fará em seu livro. Por outro lado, o livro era conhecido por títulos melhores no mundo antigo. Por exemplo, Gregory Nazianzen, um autor cristão do século V, refere-se a este livro como Sobre a Supremacia da Razão, o que realmente se aproxima muito mais da razão central da existência deste livro.

4 Macabeus foi escrito na forma de uma demonstração filosófica de uma tese filosófica, e essa tese é que o raciocínio centrado em Deus domina as paixões. Por paixões, o autor tem em mente um conjunto de experiências, emoções, impulsos e sensações humanas. E ao mesmo tempo, embora seja uma demonstração filosófica, ao mesmo tempo, é também um elogio às conquistas dos nove mártires que são celebrados também em 2º Macabeus 6 e 7, nomeadamente Eleazar, o sacerdote idoso que foi o primeiro a ser martirizado nessa narrativa, os sete irmãos que são mortos um a um, e finalmente a mãe dos sete irmãos.

4º Macabeus é, na minha opinião, um documento fascinante devido à sua mistura de culturas, por assim dizer. Foi escrito por um autor judeu que está totalmente comprometido com a aliança, com o modo de vida observador da Torá e totalmente familiarizado com a língua, retórica, cultura e filosofia gregas. Primeiro, o autor conhece bem a ética filosófica grega.

A tese motriz do livro, A razão é a mestra das paixões, é um tópico filosófico central no mundo de língua grega. A ideia é que uma pessoa pode levar uma vida virtuosa se conseguir aquela força mental, aquela força da faculdade racional, para manter as paixões sob controle, para evitar que suas emoções a dominem. , para evitar que

seus desejos e impulsos fujam com ele. Por exemplo, a virtude da coragem poderia ser manifestada de forma consistente se uma pessoa fosse capaz de dominar de forma consistente o sentimento de medo ou a sensação de dor.

A virtude da justiça poderia ser manifestada de forma consistente se uma pessoa conseguisse dominar os seus impulsos para a ganância, para querer mais do que lhe era devido, ou outros vícios semelhantes, outras inclinações semelhantes que atrapalhariam a realização da coisa justa em relação a outra pessoa. Assim, o autor está familiarizado com essa conversa mais ampla, dando-lhe um toque distinto. Ele diz que não é apenas a razão que domina as paixões, e é a razão piedosa, é a razão piedosa, ou mesmo a razão centrada em Deus, aquela razão que foi treinada pelo conhecimento de Deus e pela prática da vontade de Deus. direito, que acaba por dominar de forma eficaz e consistente as paixões para que uma pessoa possa viver uma vida de virtude.

Mas o autor também tem consciência do ideal do sábio, do filósofo ou sábio, como é conhecido na literatura grega. O sábio que é livre, verdadeiramente livre, o sábio que é verdadeiramente rei porque é dono de si mesmo e de tais assuntos. O autor também conversa nas discussões filosóficas gregas sobre o amor fraternal e o amor pela prole.

Muitos dos temas que encontramos entrelaçados em seu tratado e em seu discurso, também poderíamos encontrar nos ensaios de Plutarco, o filósofo e colunista grego, realmente sobre o afeto fraterno ou o afeto materno. E talvez ainda mais surpreendente, este autor tinha que estar familiarizado com o drama grego. Quando ele coloca um lamento hipotético nos lábios da mãe, o que a mãe poderia ter dito depois que seus filhos foram martirizados se ela tivesse o espírito fraco, o discurso que se segue sai diretamente do estágio eurípidiano .

Cada frase dela tem paralelos nos lamentos que Eurípides coloca nos lábios de Hécuba ou Andrômaca ou de outras de suas mães lamentadoras em suas tragédias. Ele conhece os eventos atléticos gregos. Ele usa imagens atléticas ao longo de seu discurso.

E ele também parece ter tido uma forte educação baseada na Grécia. Mas ele usa esta educação baseada na Grécia para interpretar a vida centrada na Torá como o programa de treinamento dado por Deus por meio do qual qualquer indivíduo de qualquer temperamento também pode atingir a meta que os especialistas em ética gregos prezam, a saber, o domínio sobre os próprios desejos, emoções, e sensações para que se possa escolher o caminho da virtude em qualquer situação, por mais difícil que seja. O autor provará esse fato mostrando como nove seres humanos treinados na Torá foram capazes de enfrentar as torturas mais brutais e os conflitos emocionais mais abrasadores e superá-los em prol da virtude.

Agora, o Quarto Macabeus foi escrito em grego por um judeu bem educado, provavelmente em algum lugar no sul da Ásia Menor, em algum lugar entre o sul da Ásia Menor e a Síria. Ele propõe, a certa altura, um epitáfio para os mártires. Qual seria um epitáfio adequado para esses heróis da virtude? O que ele propõe tem semelhanças verbais com epitáfios judaicos em sepulturas reais conhecidas nas regiões da Síria e da Cilícia.

As propostas para a data do livro variam muito. Poderia ter sido escrito em qualquer época entre 20 e 100 DC, e foi claramente escrito originalmente para entrega oral. Os verbos que o autor utiliza são verbos de falar e ouvir.

Não verbos de escrita e leitura. E provavelmente foi composto para ser entregue em uma ocasião real. Ele se refere duas vezes à presente ocasião e nos convida a deixar em branco, e essa ocasião pode até ter sido o Hanukkah ou outro festival judaico na comunidade que ele estava, em certo sentido, servindo.

Uma das coisas que encontramos no Quarto Macabeus seriam articulações de preconceito antijudaico, mas também respostas ao preconceito antijudaico. O livro tem uma forte função apologética, defendendo o modo de vida judaico contra as críticas ou acusações típicas que lhe são feitas por estranhos. Não estou dizendo que essa apologética teria funcionado com os de fora, mas certamente teria funcionado com os de dentro, para ajudá-los a trabalhar e lidar com isso, e então ser capaz, portanto, de deixar de lado o preconceito que eles enfrentaram dos de fora, à medida que eles continuam a seguir a vida observadora da Torá.

Por exemplo, no Capítulo 5, encontramos o tirano Antíoco dirigindo-se ao idoso sacerdote Eleazar, tentando convencê-lo de que comer um bocado de carne de porco seria mais inteligente do que morrer sob tortura. Entre outras coisas que Antíoco diz, ele diz que você não parece ter uma compreensão madura das coisas já que observa a religião judaica. Por que você fica com nojo de comer a carne deliciosa desse animal? É um presente que a natureza nos deu.

É estúpido não desfrutar de coisas agradáveis que não são vergonhosas, e é errado recusar os presentes da natureza. Então, nisso, temos uma espécie de reflexão sobre o que um gentio normalmente diria sobre pessoas comprometidas com o modo de vida judaico. Estou tentando entender suas regulamentações dietéticas, e isso não faz sentido para mim porque a carne de porco, a outra carne branca, é um presente da natureza e é errado da sua parte.

É um ato de injustiça contra a natureza tratar isso como se fosse uma abominação quando a natureza lhe deu uma guloseima muito saborosa aqui. Além disso, é muito bom e parece sem sentido recusar uma coisa agradável que não seja imoral. Quero dizer, que possível objeção moral uma pessoa poderia ter ao prazer obtido ao comer essa carne? O autor do Quarto Macabeus pretende mostrar que a obediência à Torá

e o raciocínio alinhado com os ensinamentos da Torá sobre Deus capacitam alguém para a virtude melhor do que qualquer treinamento que o mundo grego poderia oferecer.

Portanto, há uma boa razão para se abster de carne de porco. Faz parte deste programa maior que Deus planejou exercitar o judeu devoto no domínio de suas paixões, de modo que, pela prática constante, pelo exercício constante, agir de acordo com a virtude se torne uma segunda natureza, e dizer não aos impulsos das paixões e das paixões. desejos e sensações físicas tornam-se automáticos. Segundo o autor, a Torá é o manual do proprietário de Deus para o bom funcionamento do ser humano.

Na verdade, é um presente notável que Deus deu. E assim, no final de seu prólogo mais filosófico, escreve o autor, quando Deus formou os seres humanos, Deus plantou emoções e traços de caráter dentro deles. Naquela época, Deus também colocou a mente no trono, no meio dos sentidos, para funcionar como um governador santo sobre todos eles.

Deus deu a lei à mente. Quem vive de acordo com a lei governará um reino que é autocontrolado, justo, bom e corajoso. O que encontramos aqui é essa ideia de como o ser humano se constitui.

Deus nos deu a faculdade racional. Deus também plantou as paixões, os desejos e as inclinações que podem nos impulsionar. Ambos estão bem, desde que a mente controle as paixões e desde que esta ordem seja seguida, esta hierarquia interna esteja intacta.

O autor diz que observar a Torá é a maneira de Deus treinar a mente para fazer exatamente isso. E para que o modo de vida judaico acabe permitindo ao judeu desfrutar daquilo que é o objetivo do filósofo grego. E isso é governar um reino, por assim dizer.

Este tipo de peça é baseado na ideia do sábio como rei porque o sábio é o governante de si mesmo. Tal pessoa governará um reino que possui todas as virtudes. O autor sugere que os frutos éticos da vida orientada pela Torá provam o seu valor como uma filosofia ética ao lado e até mesmo além de qualquer filosofia ética encontrada no mundo grego.

Na sua resposta a Antíoco e às suas críticas, diz o velho sacerdote Eleazar, vocês zombam da nossa filosofia como se viver de acordo com ela fosse irracional. Mas nos ensina o autocontrole para que possamos dominar todos os prazeres e desejos. E também nos treina em coragem para que suportemos qualquer sofrimento de boa vontade.

Instrui-nos na justiça para que em todas as nossas relações ajamos com imparcialidade. Também nos ensina a piedade para que, com a devida reverência, possamos adorar o único Deus vivo. Assim, em defesa da vida orientada pela Torá, o autor extrai seus frutos éticos, as virtudes cardeais valorizadas na ética filosófica grega, justiça, coragem, temperança e autocontrole.

Aqui, um deles é abandonado em favor da piedade, que também aparece na ética grega. As virtudes cardeais valorizadas pelos eticistas gregos são fruto de viver de acordo com a Torá. Tal como acontece com outros autores dos Apócrifos, este autor também afirma que viver de acordo com a Torá é bastante viável.

No capítulo 2, no início do capítulo 2, ele escreve que não só está provado que a razão governa o impulso frenético do desejo sexual, mas também sobre todo desejo. Assim, a lei diz que você não deve cobiçar a esposa do seu próximo ou qualquer coisa que seja do seu próximo. Na verdade, como a lei nos disse para não cobiçar, eu poderia provar ainda mais que a razão é capaz de controlar os desejos.

Agora, eu realmente deveria ter modificado essa tradução porque cobiçar não é a melhor tradução da versão grega dessa ordem do Pentateuco. Na verdade, o que eu deveria ler é que a lei diz que você não deve desejar a esposa do seu próximo ou qualquer coisa que seja do seu próximo. Aí o autor comenta, já que a lei nos mandou não desejar, posso te provar que a razão domina os desejos.

A implicação aqui é que a lei não ordena nada que esteja além da capacidade humana de realizar. Agora, à medida que o autor prossegue, ele apresenta os mártires da crise de helenização de 167 a.C. como exemplos extremos e supremos que comprovam a regra de que a mente treinada na Torá pode dominar qualquer paixão. A pessoa centrada em Deus é capaz de superar qualquer ataque ao seu compromisso com a virtude, seja um ataque vindo de dentro, o ataque do medo ao ver os instrumentos de tortura, o ataque do amor aos irmãos ao ver irmãos sendo dilacerado, o ataque do amor à prole ao ver os filhos sendo dilacerados, ou qualquer ataque externo, o ataque real dos instrumentos de tortura à carne dessas vítimas.

Os mártires mostram que são capazes de superar qualquer assalto baseado na promessa de desfrutar de algum bem. Por exemplo, Antíoco oferece aos sete irmãos a sua amizade, promete-lhes lugares de prestígio e poder no seu governo e exorta-os a desfrutar a vida que pode ser deles se simplesmente abraçarem o modo de vida grego e o seu patrocínio. Eles se recusam a ceder ao vício em nome de qualquer promessa de bem, bem como de qualquer ataque violento de dor.

Alguns dos principais tópicos do raciocínio dos mártires incluem a dívida que eles têm para com Deus e a importância de buscar vantagens eternas em vez de vantagens temporárias. Estes são tópicos importantes no raciocínio porque aparecerão repetidamente na literatura martirológica, não apenas na tradição

judaica, mas também na tradição cristã. Esses mártires refletem que Deus nos deu nossos corpos.

Deus nos deu a nossa vida. Portanto, o valor da reciprocidade, o ethos da reciprocidade, significa que devemos usar o que Deus nos deu para promover os interesses de Deus e não os nossos. E assim, usaremos os corpos que Deus nos deu como baluarte para proteger a honra de Deus, para proteger a lei.

Ou a mãe seria, de facto, vista a incitar os seus filhos ao martírio com base no facto de terem recebido a vida de Deus e, portanto, dever a Deus devolver-lhes essa vida. Além disso, tanto os irmãos quanto a mãe são mostrados pensando no ganho de curto prazo e na dor de longo prazo e avaliando as vantagens dessa forma. Em cada caso, eles escolhem o ganho a longo prazo, mesmo que isso signifique desfrutar da dor a curto prazo, e isso significa viver para a eternidade e para o que Deus fará do outro lado da morte, já que tudo deste lado da morte está nas mãos de outros.

Por exemplo, o próprio tirano Antíoco. Agora, quando falamos sobre 2 Macabeus algumas palestras atrás, falamos sobre o autor apresentar os mártires como de alguma forma oferecendo obediência representativa a Deus e estando disposto a permitir que Deus preencha a medida da punição da nação em seus próprios corpos, na tortura a que o tirano os submetia. O autor de 4 Macabeus dá vários passos adiante na direção de interpretar a obediência até a morte em termos de expiação vicária.

E então Eleazar, o padre idoso, pouco antes de morrer, ora a Deus, Deus, você sabe que eu poderia ter me salvado. Em vez disso, estou sendo queimado e torturado até a morte por causa da sua lei. Tenha piedade do seu povo.

Torne nossa punição suficiente para o bem deles. Purifique-os com meu sangue e tire minha vida em troca da deles. Depois, perto da conclusão de 4 Macabeus, o autor comenta o significado da morte dos mártires.

Eles trocaram suas vidas pelo pecado da nação. A providência divina libertou Israel do seu antigo abuso através do sangue deste povo piedoso. Suas mortes foram um sacrifício para encontrar a misericórdia de Deus.

A palavra hilasterion, suas vidas foram uma propiciação pelos pecados do povo, realmente aparece ali. Então, o que temos aqui é um grande avanço no pensamento judaico, segundo o qual o sacrifício de expiação não é um animal no templo, mas aquilo que reconcilia Deus com o povo é a disposição de um judeu ou de um grupo de judeus de ser obediente. até a morte, não importa a dor que isso signifique para eles. E assim, a morte deles sob tormento torna-se uma espécie de equivalente virtual, o equivalente funcional, de um sacrifício de expiação.

Preenchendo a medida do castigo do povo, mas também oferecendo a Deus uma vida em troca de outros judeus. Detenho-me nisso porque linhas semelhantes são encontradas nas reflexões do Novo Testamento sobre a morte de Cristo. Outro desenvolvimento paralelo a este respeito é onde a obediência de um até a morte afeta a reconciliação entre Deus e muitos.

Parte da mesma linguagem é usada aqui. Agora, no restante desta sessão, examinaremos juntos alguns livros muito curtos dos Apócrifos, o primeiro dos quais é a Oração de Manassés. A Oração de Manassés é uma oração penitencial, e está escrita como se, e é intitulada como se, fosse o discurso de Manassés, o rei mais perverso de Judá, cujos pecados contra Deus provaram ser o ponto de inflexão, o ponto de inflexão. sem retorno no que diz respeito às maldições da aliança.

Como lemos repetidas vezes em Segundo Reis, por causa dos pecados de Manassés, o povo estava condenado. Não haveria indulto, embora bons reis como Ezequias e Josias surgissem e comprassem breves indultos para a nação. Mas, em última análise, é o pecado de Manassés que o autor da História Deuteronomística aponta como a gota d'água que quebra a aliança.

Agora, há uma diferença significativa entre as histórias de Manassés em Segundo Reis e em Segundo Crônicas. Em Segundo Crônicas acontece algo que é impensável em Segundo Reis. Manassés na prisão se arrepende.

E 2 Crônicas até fala que a oração de Manassés está disponível em algum outro livro. Bem, é claro, esse outro livro não está disponível para os judeus no final do período do Segundo Templo, mas isso se torna uma espécie de ponto de partida para um judeu piedoso da época compor uma bela e sincera oração de confissão. De acordo com Segunda Crônicas, eu deveria ler isso primeiro.

De acordo com 2 Crônicas 33, durante sua angústia, Manassés fez paz com o Senhor seu Deus, submetendo-se verdadeiramente ao Deus de seus antepassados. Ele orou e Deus ficou comovido com seu pedido. Deus ouviu a oração de Manassés e restaurou-o ao seu governo em Jerusalém.

Agora, o resto dos feitos de Manassés, incluindo a sua oração a Deus e o que os videntes lhe disseram em nome do Senhor, o Deus de Israel, são encontrados no registro dos reis de Israel. Então aqui há uma afirmação em Segundo Crônicas de que até o pecado imperdoável é perdoável. E o autor da Oração de Manassés agora, séculos depois, quer reafirmar que quer criar uma oração cujo ponto é claro.

Se Deus pudesse ter misericórdia do rei cuja maldade tornou inevitável a queda de Judá, quem de fato estaria além do alcance do perdão de Deus? E a Oração de Manassés tem, de facto, sido usada, pelo menos na igreja cristã, desde os séculos III ou IV, pelo menos, até aos dias de hoje. E assim, quero apenas compartilhar com

todos vocês alguns trechos desta oração para dar-lhes o sabor de uma das mais belas orações penitenciais já escritas. Você, Senhor, de acordo com sua gentil graça, prometeu perdão àqueles que se arrependem de seus pecados.

Em sua grande misericórdia, você permitiu que os pecadores abandonassem seus pecados e encontrassem a salvação. Portanto, Senhor, Deus daqueles que fazem o que é certo, você não proporcionou uma mudança de coração e de vida, você não proporcionou arrependimento para aqueles que fazem o que é certo, para Abraão, Isaque e Jacó, que não o fizeram. pequei contra você, mas você proporcionou arrependimento para mim, o pecador. Meus pecados são muitos, Senhor. Eles são muitos.

Agora , eu me curvo diante de você do fundo do meu coração, implorando por sua bondade. Pequei, Senhor, pequei e conheço as leis que quebrei. Estou orando e implorando que você me perdoe, Senhor. Me perdoe.

Não me destrua junto com meus pecados. Não guarde minhas más ações em sua memória para sempre. Não me sentencie às profundezas da terra, pois tu, Senhor, és o Deus dos que se arrependem.

Em mim você mostrará o quão gentil você é. Embora eu não seja digno, você me salvará de acordo com sua grande misericórdia. Outra pequena peça litúrgica nos Apócrifos é o Salmo 151.

Obviamente, para aqueles que estão familiarizados com os salmos, vocês sabem que o livro termina com o Salmo 150. Mas há vários outros salmos que às vezes são incluídos nos rolos de salmos. Por exemplo, em Qumran, existem mais de 150 salmos no rolo de salmos.

Existem quatro ou cinco outros textos de hinos adicionais que, pelo menos, foram usados pela comunidade no seu culto litúrgico. No máximo, faziam parte da versão canônica do livro dos Salmos. Agora, o Salmo 151, como temos nos Apócrifos, era originalmente dois salmos separados, cada um composto para celebrar e refletir sobre um evento significativo na vida de Davi, seguindo o padrão de tantos salmos canônicos.

Por exemplo, o Salmo 51 é apresentado como uma reflexão sobre o episódio do adultério de Davi com Bate-Seba e suas consequências. Mas você pode pesquisar os salmos e não encontrará um salmo que reflita sobre a escolha de Davi em detrimento de seus irmãos. Você não encontra um salmo refletindo sobre a derrota de Davi sobre Golias.

Então, e esses grandes eventos? Os judeus piedosos do período do Segundo Templo criaram mais salmos escritos como se fossem de Davi, a partir da perspectiva

daquele evento. Portanto, o primeiro desses dois salmos, que acaba sendo os primeiros dois terços do Salmo 151, concentra-se na escolha de Davi por Deus em vez de seus irmãos mais altos e mais velhos. O segundo desses dois salmos, agora apenas o final do Salmo 151, concentra-se na derrota de Davi sobre Golias, que desafiou Israel e o Deus de Israel.

Por que você se lembra dessas facetas da vida de Davi durante esse período? Bem, pensar na escolha de David em vez dos seus irmãos mais altos e impressionantes pode reflectir a percepção de que Israel é agora menor e menos importante do que as nações vizinhas. Mas Deus ainda valoriza o coração que honra a Deus, assim como Deus valorizou o coração de Davi que honrou a Deus. E isso era mais importante do que questões de estatura e aparência.

Além disso, pode ser que o autor do segundo salmo aqui esteja ciente de que Israel está mais uma vez enfrentando gigantes. Aqui pensamos no reino selêucida ao norte ou no reino ptolomaico ao sul, ou ainda mais tarde, em Roma a oeste. Mas há precedentes para o sucesso de Israel contra gigantes, não pelo poderio militar, mas pelo poder de Deus.

Finalmente, voltamos aos acréscimos de Daniel nas duas últimas peças litúrgicas. Estas seriam a Oração de Azarias e o Cântico dos Três Jovens. A narrativa de Daniel 3, a história de Hananias, Misael e Azarias, que se recusaram a se curvar diante do ídolo que Nabucodonosor havia erguido na planície de Dura, eu acho, e foram, portanto, jogados na fornalha ardente com os olhos arregalados abrir.

Eles sabiam que a recusa em se curvar e adorar um ídolo os levaria até lá. Essa história foi muito popular durante esse período. É frequentemente mencionado em outros textos, até mesmo em outros textos dos Apócrifos.

Por exemplo, 4 Macabeus refere-se à sua história pelo menos três vezes ao longo dos seus 18 capítulos. Notamos também que há uma tendência de elaborar salmos e orações inspirados em eventos significativos da história judaica. Testemunhe os salmos de que acabamos de falar, inspirados em acontecimentos da vida de David, ou a Oração de Manassés, inspirada na história do arrependimento de Manassés em 2 Crônicas 33.

Assim, a história de Daniel 3 torna-se um ponto de inspiração para a criação de outras peças litúrgicas, ou pelo menos, para tecer peças litúrgicas existentes na narrativa de Daniel. Ser lançado na fornalha de fogo seria uma ocasião óbvia para uma oração por libertação. E isso agora é fornecido pela Oração de Azarias, que aparece no momento em que os três jovens são lançados na fornalha.

Não ser queimado pela fornalha ardente seria uma ocasião óbvia para um salmo ou salmos de louvor e libertação. E isso agora é fornecido no Daniel 3 expandido pelo

cântico dos três jovens. É altamente provável que ambas as peças litúrgicas tenham sido compostas em hebraico, em algum lugar da terra da Palestina, em algum lugar dentro das fronteiras de Israel.

O nono versículo da Oração de Azarias pode relembrar a crise de helenização de 175 a 167 aC, como diz o autor, você nos entregou aos nossos inimigos, rebeldes imorais que odeiam a lei de Deus, e a um rei injusto, o mais malvado um no mundo inteiro. Na versão grega do salmo, a palavra para rebeldes é apóstatai, daí apóstatas. O que é notável aqui é que, ao contrário da situação do histórico Azarias, o autor da Oração de Azarias não está apenas olhando para o rei injusto como a fonte do problema, mas também para os judeus apóstatas como a fonte do problema.

E isso teria sido muito mais adequado para o período de 175 a.C. e seguintes, o que praticamente estabelece esse período como o mais antigo possível para a composição desta oração em particular. A Canção dos Três pode na verdade ser uma composição muito mais antiga do que isso. Apenas o último versículo liga todo aquele salmo de ação de graças de 40 ou 50 versículos à história dos três jovens.

Então, tire isso da equação e o resto poderia ter sido composto em qualquer ponto do exílio em diante. Na verdade, parece que o chamado Cântico dos Três era originalmente dois salmos de louvor porque existem dois padrões distintos que são seguidos, um para os primeiros sete ou oito versos do cântico e outro para a grande maioria do cântico. A Oração de Azarias, então, olhando primeiro para isso, começa com as orações penitenciais de Baruque, reconhecendo que Deus agiu com imparcialidade e justiça.

Deus não fez nada mais nem menos do que viver de acordo com a palavra de Deus em Deuteronômio. É Israel o culpado por falhar com Deus e não o contrário. Assim, Azarias confessa a falta de fé da nação em relação a viver de acordo com a aliança, mas apresenta a esperança de restauração.

Na seção de petições da oração, ele exorta Deus a se reconciliar com o povo penitente de Deus por causa das promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó, os amados ancestrais do povo. Estas promessas estão agora em perigo. É digno de nota, aliás, que ele não está orando para nos salvar da fornalha ardente.

Esta é outra indicação de que talvez esta oração tenha sido primeiro composta independentemente da narrativa e mais tarde simplesmente entrelaçada naquele ponto. É uma oração de arrependimento nacional e uma oração pela reversão das maldições da aliança como um todo. Azarias exorta Deus a agir não apenas por causa das promessas, mas também por causa da reputação de Deus entre as nações.

A reputação de Deus está ligada à sorte das pessoas chamadas pelo nome de Deus. Mas ele também oferece tristeza sincera e humildade como uma espécie de oferta

espiritual pela culpa, uma vez que os meios para oferecer os sacrifícios prescritos pelo pecado não são possíveis para ele em sua situação. E então, lerei alguns versículos da oração de Azarias nesse sentido.

Neste tempo, não temos governante, profeta ou líder, nenhuma oferta ou sacrifício totalmente queimado, nenhum presente especial ou incenso, nenhum lugar para trazer presentes para você e encontrar misericórdia. Aceite-nos satisfeitos com nossas almas esmagadas e espíritos humildes, como se trouxéssemos ofertas inteiramente queimadas de carneiros e touros, como se trouxéssemos dezenas de milhares de cordeiros gordos. Que este seja o tipo de oferta que fazemos hoje na sua presença, e que possamos segui-lo completamente.

Portanto, quer esta falta de acesso ao templo resulte do exílio ou do fato de o templo estar sob o controle de apóstatas, como aconteceu sob Menelau por volta de 167 a 164 aC, o autor propõe que o arrependimento sincero pode ter a força de milhares de ofertas de expiação. Ao nos voltarmos finalmente para o hino dos três jovens, novamente, descobrimos que ele se divide em duas partes, possivelmente como resultado de ter sido originalmente dois salmos de louvor diferentes. A primeira parte segue uma fórmula comum.

Bendito sejas, Senhor Deus dos nossos antepassados. Você é digno de louvor e elevado acima de todos os outros para sempre. A segunda metade desse verso é o refrão constante desta primeira parte da música.

Como os Salmos, os Salmos canônicos têm esse refrão constante, pois sua misericórdia dura para sempre em cada versículo. E é apenas a primeira metade do versículo que muda. E assim, a primeira parte deste hino celebra o governo de Deus sobre o cosmos a partir do trono de Deus no céu, cercado por sua corte angelical.

Celebrando o fato de que a glória de Deus, a reputação de Deus enche o mundo e a presença de Deus enche o seu templo. Outra indicação interessante de que o salmo não vem realmente da história ou foi composto principalmente com a história em mente, porque, é claro, quando Azarias, Hananias e Misael estão na fornalha, o templo fica em ruínas, graças a Nabucodonosor. Agora, a segunda parte do salmo assume uma forma diferente.

Apelando a todas as várias facetas da criação para honrar o seu criador. Assim, por exemplo, o primeiro versículo é: todas as obras do Senhor bendizem ao Senhor. Cante hinos e eleve Deus acima de todos os outros para sempre.

A segunda metade desse verso se torna o refrão que acontece cerca de 30 vezes no decorrer desta música. E é a primeira metade que muda à medida que passamos deste aspecto geral de todas as obras do Senhor abençoem o Senhor para abordar

cada obra individual do Senhor, invocando-as, convocando cada um para abençoar o Senhor. E esta parte do salmo segue uma progressão muito bem estruturada.

Nos primeiros seis versículos, o autor apela aos corpos celestes e aos seres celestiais para que abençoem o Senhor e exaltem o seu nome para sempre. Então, nos dez versículos seguintes, o autor invoca todos os fenômenos do reino do céu, principalmente aqueles associados ao clima, para abençoar o Senhor e elevar seu nome para sempre. Então, nos versículos 51 a 58, o autor convoca os fenômenos terrestres e os habitantes animais da terra para abençoarem o Senhor e exaltarem seu nome nas alturas para sempre.

E finalmente, nos oito versículos finais, ele apela aos seres humanos em seus vários grupos para que abençoem a Deus e lhe dêem honra para sempre. As orações dos Apócrifos, e já vimos algumas agora incorporadas nos vários livros apócrifos, mas também independentes, como a Oração de Manassés, revelam o impacto das orações das Escrituras do Antigo Testamento na vida de adoração contínua e vida pessoal de oração dos judeus durante este período. E certamente nos deixam a impressão de que o período entre os Testamentos foi também um período de oração vital, adoração, interação e piedade por parte do povo de Deus.

Direi também simplesmente que o Cântico dos Três Jovens e a Oração de Azarias, tal como a Oração de Manassés, continuam a ser retomados pela Igreja Cristã, sendo utilizados desde os seus primeiros séculos até aos dias de hoje no culto entre os católicos e igrejas anglicanas em todo o mundo. Isto concluirá nossa pesquisa dos livros apócrifos e, nas palestras que se seguem, examinaremos primeiro alguns esboços do impacto dos livros apócrifos no próprio Novo Testamento, mas também na Igreja primitiva através de seus séculos mais formativos. E finalmente, examinaremos o lugar dos Apócrifos no cânon ao longo dos séculos, tanto nas comunidades judaicas quanto nas cristãs.

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão número 7, Um Olhar Mais atento, 4 Macabeus, Oração de Manassés, Salmo 151, Oração de Azarias e o Cântico dos Três Jovens.